

**Troca de saberes para interligar mundos: entrevista com  
Márcia Kambeba**

**Knowledge sharing to connect worlds: interview with Márcia Kambeba**

**Eleonora Frenkel Barretto\***

\*Universidade Federal de Santa Catarina, UFSC, Florianópolis - SC, 88040-900,  
e-mail: eleonora.frenkel@ufsc.br

**Márcia Wayna Kambeba\*\***

\*\*Universidade Federal do Pará, UFPA, Belém - PA, 66075-110,  
e-mail: marciacambeba@gmail.com

**Resumo:** A poeta Márcia Kambeba contribui para o dossiê “Repertórios ancestrais, saberes e práticas contemporâneas” com esta entrevista, onde reflete sobre a importância da transmissão de cosmovisões indígenas, sobre o fortalecimento de línguas originárias, a valorização de ritos, cantos, danças e artefatos de povos indígenas, como modos de manter acesas suas memórias e fortalecer suas lutas de resistência. Márcia Kambeba destaca a importância da luta pela terra e de uma educação multicultural, onde prevaleça o respeito e a troca de saberes, de modo a promover interligações de mundos.

**Palavras-chave:** Saberes indígenas. Poesia. Resistência.

**Abstract:** The poet Márcia Kambeba contributes to the dossier “Ancestral repertoires, knowledge and contemporary practices” with this interview, where she reflects on the importance of transmitting indigenous cosmovisions, on the strengthening of native languages, the valorization of rites, songs, dances and artifacts of indigenous peoples, as ways to keep their memories alive and strengthen their resistance struggles. Márcia Kambeba highlights the importance of the struggle for land and of a multicultural education, where respect and the exchange of knowledge prevail, in order to promote interconnections of worlds.

**Keywords:** Indigenous knowledge. Poetry. Resistance.



**Figura 1: Márcia Wayna Kambeba. Foto: José Carlos.**

(E.F.B.) - Márcia Wayna Kambeba é apresentada como indígena, nascida na aldeia Belém do Solimões, do povo Tikuna, geógrafa, poeta, compositora, fotógrafa e ativista. Além disso, o que mais gostaria de acrescentar sobre quem é você, sobre sua trajetória e as memórias que a marcam?

(M.W.K.) - Nasci na aldeia Belém do Solimões, cresci em meio aos saberes do povo Tikuna e aprendi muito e utilizo na minha formação de ser pessoa. Acrescento que faço músicas em tupi e português, canto porque nosso canto é resistência e fotografo para apresentar as várias formas de territorialidades que se tem nas aldeias.

(E.F.B.) - Em seu poema “ritual indígena”, lemos sobre o “culto sagrado” que “o branco achou que era pecado”. A conquista territorial e a catequização provocaram a deslegitimação e desvalorização de saberes e práticas ameríndias, muitas vezes tidas como “idólatras”. Como você percebe a presença desses saberes ancestrais no século XXI? Por que é importante que comunidades indígenas possam viver segundo suas

cosmovisões? E o que pessoas indígenas e não-indígenas têm a aprender com as trocas de saberes?

(M.W.K.) - Cada povo tem sua cultura e saberes, suas crenças e visões de mundo. É necessário que as aldeias mantenham a chama de seu sagrado sempre acesa para que possa manter o equilíbrio energético e espiritual de um povo. No século 21 a presença desses saberes é muito necessária para que as futuras gerações possam continuar resistindo e fortalecendo o legado que a elas foi deixado. A importância de continuar mantendo as cosmovisões é importante para que continuem fortalecendo a continuidade de sua história, crenças e memórias e o respeito entre as sociedades indígenas e não indígenas é o que pode gerar a ponte que interliga mundos e saberes.

(E.F.B.) - No Brasil, a imposição da unidade da língua portuguesa se fez latente ao longo de séculos, culminando no Diretório dos Índios, que veio a público em 1757, proibindo de modo terminante que fossem utilizadas as línguas das diversas Nações de povos originários. Diante disso, qual é a importância de escrever em língua Kambeba-Tupi e outras línguas originárias? Por que devemos expor a multiplicidade de línguas e saberes que habitam esse território chamado Brasil?

(M.W.K.) - A importância de se manter viva a língua materna é uma forma de afirmação e de identidade de um povo. O Brasil deve se orgulhar de ter o maior número de povos falantes de sua língua mãe territorializando esse chão. Falar a língua materna é acender a chama do pertencimento e da identidade que por muito tempo foi violentada pelo contato com a sociedade não indígena. Quem fala sua língua materna deve ter orgulho.

(E.F.B.) - Conte-nos sobre as artes verbais e corporais das tradições ameríndias que você conhece: como se dá a relação com a voz, o canto, o corpo, a dança, a pintura corporal? Que funções essas práticas incorporadas desempenham na organização social das comunidades?

(M.W.K.) - A língua materna, canto, danças ritualísticas e festivas, os artefatos usados no dia a dia e nas lutas, a vestimenta tudo faz parte da identidade de cada povo, compõe o território sagrado que é nosso corpo, os grafismos são formas de comunicação e representam emoções, festas, cerimônias fúnebres, etc. O maracá tem seu sagrado e interliga mundos e o cocar não é adereço e nem enfeite e sim um símbolo de representatividade, liderança e cultura identitária.

(E.F.B.) - E como você percebe a relação com a arte verbal, ou, com a literatura, na cidade hegemonicamente branca? Que funções cumpre a literatura e como você percebe sua criação literária nesse contexto?

(M.W.K.) - A palavra como toda arte tem sua função importante e necessária para fortalecer as lutas e anunciar boas notícias ao mundo, criar formas de reflexão e desconstrução de posturas e pensamentos. Na cultura indígena a palavra ganha força nas formas de expressão que usamos e a literatura é uma dessas formas expressivas. É necessário produzir literatura para que se possa cada vez mais criar reflexões e mudanças de comportamento no ver, sentir e pensar a cultura indígena na aldeia e na cidade. Minha literatura tem sua missão de decolonizar convidando a um pensar crítico sobre nossa presença na cidade e nossa resistência na aldeia.

(E.F.B.) - Como é para você a experiência da literatura escrita e da poesia vocal? A força da voz transforma o texto?

(M.W.K.) - Ler um poema é um ato de reflexão, mas quando escutamos um recital as palavras tomam uma proporção maior e nos tocam profundamente ao ponto de nos causar emoções como choro e alegria. Por isso, gosto da poesia falada porque sua força aumenta ao passo que a voz ecoa.

(E.F.B.) - Como você percebe a relação entre arte e educação? E o que é, para você, “educação hipercultural”?

(M.W.K.) - A relação entre arte e educação é maravilhosa, a arte precisa estar inclusa na forma como o educador apresenta sua aula. Uma aula onde tem canto, poesia se torna mais participativa, digo isso porque faço tudo isso nas minhas aulas e vejo como o aprendizado se desenvolve melhor e se torna prazeroso. A cultura está em tudo que fazemos, somos seres em constante movimento e assim a cultura não pode ser estanque. É preciso trabalhar no aluno o seu saber cultural, aproveitar a arte que ele já traz em si e aperfeiçoar com a educação.

(E.F.B.) - Desde a década de 1970, diversas artistas latino-americanas desenvolveram seu trabalho em diálogo e articulação com movimentos feministas, no que ficou conhecido como ‘ativismo’ (arte+ativismo). Você acredita que é possível pensar em

um “ativismo” do século XXI, que articula artes e diversos movimentos sociais, como indígenas e ambientalistas, por exemplo? Como vê essa relação em seu trabalho?

(M.W.K.) - Esse ativismo já está sendo feito nesse século que estamos, toda forma de arte é usada para tecer um diálogo entre povos indígenas e a cidade, não só as várias linguagens da arte, mas também a utilização das redes sociais em prol dessa divulgação e fortalecimento das relações estabelecidas em termos de troca de saberes como falei anteriormente, interligando mundos. Os poemas que faço e as músicas chegam tanto na aldeia como na cidade, fortalecendo a educação na aldeia e chamando a mudança de pensamento na cidade.

(E.F.B.) - Quais são as principais causas políticas e sociais elaboradas em seu trabalho artístico? E qual é a relação, as especificidades e as diferenças, que você percebe em sua luta na política institucional (como pré-candidata a vereadora em Belém, p.e.) e aquela que se dá a partir da intervenção artística?

(M.W.K.) - Meu trabalho tem um cunho político muito grande de buscar trazer á luz as reflexões sobre as causas pelas quais lutamos. Uma política que está em defesa dos direitos indígenas e ambientais. Na política partidária e como candidata a vereadora de Belém a luta tinha o mesmo sentido de buscar direitos coletivos em prol, agora não só de uma parcela da população, mas de toda a população do município de Belém, pensando projetos que estivessem dentro do que chamamos de bem-viver.

(E.F.B.) - O que as pessoas não indígenas podem fazer para se aliar e para fortalecer as causas indígenas?

(M.W.K.) - Creio que se informar sobre as lutas que abraçamos principalmente pelo direito ao território, procurar olhar os povos indígenas com um olhar mais irmão e humano, sem as amarras do preconceito e discriminação. Sentir a dor do outro é importante, pensar a natureza como irmã, a terra como mãe, num entendimento que estamos todos dentro de uma casa comum.

### **Sobre as autoras:**

Eleonora Frenkel Barretto

É docente na área de Letras, com ênfase em literaturas latino-americanas, no Departamento de Língua e Literatura Estrangeiras, na Universidade Federal de Santa

Catarina (UFSC). Graduada em Ciências Sociais, pela Universidade Estadual de Campinas. Mestre em Estudos da Tradução (UFSC) e Doutora em Literatura (UFSC).

Márcia Wayna Kambeba

Graduou-se em Geografia pela Universidade do Estado do Amazonas. Fez o mestrado em Geografia na Universidade Federal do Amazonas e é Doutoranda em Estudos Linguísticos pela Universidade Federal do Pará. É autora de **Ay Kakyri Tama: Eu Moro na Cidade (São Paulo: Jandaíra/Pólen, 2018)**; **O lugar do saber (São Leopoldo: Casa Leiria, 2018)**; **Kumiça Jenó: Narrativas Poéticas dos Seres da Floresta (Kissimmee: Underline Publishing LLC, 2021)**; **Saberes da Floresta (São Paulo: Jandaíra/Pólen, 2021)** e **O lugar do saber ancestral (Lorena-SP: Uk'a Editorial, 2021)**.

Data de recebimento: 14/04/2022  
Data de aprovação: 08/06/2022